



ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

ANO III — N.º 164

CAPITAL FEDERAL

SABADO, 4 DE SETEMBRO DE 1948

Sessão especial em homenagem
ao Sr. Presidente da Repú-
blica do Uruguay — Sr. Luiz
Battle y Berres

PRESIDÊNCIA DO SR. MELO VIA-
NA, PRESIDENTE DO CONGRES-
SO.

As 15 horas e 30 minutos com-
parecem os Srs. Senadores:

Melo Viana.
Georgino Avelino.
João Villasboas.
Dário Cardoso.

Amazonas:
Alvaro Maia.
Valdemar Pedrosa.
Severiano Nunes.

Pará:
Alvaro Adolfo.
Augusto Meira.

Maranhão:
Clodomir Cardoso.
Vitorino Freire.
Evandro Viana.

Piauí:
Joaquim Pires.

Ceará:
Olavo Oliveira.
Fernandes Távora.
Rio Grande do Norte:
Ferreira de Sousa.

Pernambuco:
Adalberto Ribeiro.
Vergniaud Wanderley.
José Américo.

Pernambuco:
Etelvino Lima.
Apolônio Sales.

Alagoas:
Cícero de Vasconcelos.
Sergipe:
Válter Franco.

Maynard Gomes.
Bahia:
Aloisio de Carvalho.

Pinto Aleixo.
Pereira Moacir.

Espírito Santo:
Atilio Vivaqua.
Henrique de Novais.
Santos Neves.

Rio de Janeiro:
Alfredo Neves.
Pereira Pinto.

Sá Tinoco.
Distrito Federal:
Andrade Ramos.

Minas Gerais:
Melo Viana.

São Paulo:
Rodolfo Miranda.
Eulides Vieira.

Goiás:
Dário Cardoso.
Pedro Ludovico.

Alfredo Nasser.
Mato Grosso:
João Villasboas.

Vespasiano Martin.
Pinho Müller.

Paraná:
Flávio Guimarães.

Roberto Glasser.

CONGRESSO NACIONAL

Santa Catarina:
Ivo d'Aquino.
Francisco Gallotti.
Lúcio Corrêa.
Rio Grande do Sul:
Ernesto Dornelles.
Saigado Filho.

Os Senhores Deputados:

Samuel Duarte.
José Augusto.
Graccho Cardoso.
Munhoz da Rocha.
Getúlio Moura.
Área Leão.

Amazonas:
Carvalho Leal.
Antônio Maia.
Leopoldo Pêres.
Manuel Anunciação.
Mourão Vieira.
Pereira da Silva.
Vivaldo Lima.

Pará:
Agostinho Monteirol.
Carlos Nogueira.
Deodoro de Mendonça.
Duarte de Oliveira.
João Botelho.

Lameira Bittencourt.
Rocha Ribas.

Maranhão:
Afonso Matos.
Alarico Pacheco.
Antenor Bogeria.
Crepari Franco.

Elizabethe Carvalho.
Freitas Diniz.
Lino Machado.

Odilon Soares.
Piauí:
Adelmar Rocha.

Antônio Correia.
Coelho Rodrigues.
José Cândido.

Renault Leite.
Siegfredo Pacheco.

Ceará:
Alemar Araripe.
Beni Carvalho.

Edgard de Arruda.
Francisco Monte.
Freta Gentil.

João Agoodato.
João Leal.
José Borba.

Leão Sampaio.
Oswaldo Stuegart.
Paulo Sarasate.

Raul Barbosa.

Rio Grande do Norte:
Aluisio Alves.
Café Filho.

Deoclecio Duarte.
José Arnaud.
Mora Neto.

Valfredo Gurgel.
Pernambuco:
Ernani Satyro.

Fernando Nobrega.
Jandui Carneiro.
João Agripino.

José Joffily.
Osinar Aquino.

Alagoas:

Pernambuco:
Agameannon Magalhães.
Alde Sampaio.
Arruda Câmara.
Costa Porto.
Edgar Fernandes.
Ferreira Lima.
Gilberto Freire.
Jarbas Maranhão.
José Maciel.
João Cleofas.
Lima Cavalcanti.
Oswaldo Lima.
Sousa Leão.
Ulisses Ling.

Alagoas:
Antônio Mafra.
Freitas Cavalcanti.
Lauro Montenegro.
Luis Silveira.

Medeiros Neto.
Sergipe:
Amando Fontes.

Carlos Valdemar.
Diniz Gonçalves.
Leite Neto.

Leandro Maciel.
Bahia:
Alomar Baleeiro.

Aluisio de Castro.
Alamirando Requião.
Aristides Milton.

Carvalho Sá.
Cordeiro de Miranda.
Eunápio de Queiroz.

Prós da Mota.
João Mendes.
José Jatobá.

Juraci Magalhães.
Luis Viana.
Manuel Novais.

Negreiros Falcão.
Nelson Carneiro.
Pacheco de Oliveira.

Rafael Cincurá.
Regis Pacheco.
Rui Santos.

Vieira de Melo.
Espírito Santo:
Alvaro Castelo.

Ari Viana.
Asdrubal Soares.
Carlos Medeiros.

Eurico Sales.
Luis Cláudio.
Vieira de Resende.

Distrito Federal:
Antônio Silva.
Baeta Neves.

Benjamin Farah.
Gurgel do Amaral.
José Romero.

Jurandir Pires.
Segadas Viana.
Vargas Neto.

Rio de Janeiro:
Acurcio Torres.
Amaral Peixoto.

Bastos Tavares.
Brigido Tinoco.
Carlos Pinto.

Heitor Collet.
José Leomil.
Miguel Couto.

Paulo Fernandes.
Romeo Junior.

Minas Gerais:
Afonso Arinos.
Alfredo Sá.
Benedito Valadarez.
Carlos Luz.
Célio Machado.
Duque de Mesquita.
Euvaldo Lodi.
Ezequiel Mendes.
Faria Lobato.
Felipe Balbi.
Gabriel Passos.
Gustavo Capanema.
Israel Pinheiro.
Jacé Figueiredo.
José Estêves.
Juscelino Kubitschek.
Lair Tostes.

Leopoldo Maciel.
Leri Santos.

Licurgo Leite.
Lopes Cançado.
Milton Prates.

Monteiro de Castro.
Olinto Fonseca.
Pedro Dutra.

Rodrigues Pereira.
Tristão da Cunha.
Vasconcelos Costa.

Wellington Brandão.
São Paulo:
Antônio Feliciano.

Aureliano Leite.
Berto Condé.
Campos Vergal.

Cirilo Júnior.
Costa Neto.
Diógenes Arruda.

Florianio Pereira.
Gofredo Teles.
Herbert Levy.

Honório Monteiro.
José Armando.
Machado Coelho.

Manuel Vitor.
Martins Filho.
Paulo Nogueira.

Plínio Barreto.
Plínio Cavalcanti.
Romeu Flori.

Romeu Lourenção.
Toldo Piza.

Goiás:
Caetano Godói.
Deogenes Magalhães.

Domingos Velasco.
Galeno Paranhos.
Guilherme Xavier.

Jales Machado.
Mato Grosso:
Agrícola de Barros.

Argemiro Fialho.
Dolor de Andrade.
Martiniano Araújo.

Fertina Mendes.
Poce de Arruda.
Vandoni de Barros.

Paraná:
Erasto Gaertner.
João Aguiar.

Lauro Lopes.
Oscar Borges.
Pinheiro Machado.

Santa Catarina:
Aristides Largaia.
Hans Jordan.

Joaquim Ramos.
Orlando Brasil.
Stacilic Costa.

EXPEDIENTE

IMPRESA NACIONAL

DIRETOR

FRANCISCO DE PAULA AQUILES

CHEFE DO SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES

CHEFE DA SEÇÃO DE REDAÇÃO

MURILO FERREIRA ALVES

EUCLIDES DESLANDES

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Impresso nas oficinas da Imprensa Nacional

Avenida Rodrigues Alves, 1

ASSINATURAS

Repartições e particulares:		Funcionários:	
Capital e interior:			
Ano	Cr\$ 70,00	Ano	Cr\$ 56,00
Semestre	Cr\$ 35,00	Semestre	Cr\$ 28,00
Trimestre	Cr\$ 18,00	Trimestre	Cr\$ 14,00
Exterior:		Exterior:	
Ano	Cr\$ 110,00	Ano	Cr\$ 88,00

As assinaturas dos órgãos oficiais começam e terminam em qualquer dia do exercício em que forem registradas.

O registro de assinaturas é feito à vista do comprovante do recolhimento.

Os cheques e vales postais deverão ser emitidos em favor do tesoureiro da Imprensa Nacional.

Os suplementos às edições dos órgãos oficiais serão fornecidos aos assinantes somente mediante solicitação.

O custo do número atrasado será acrescido de Cr\$ 0,10 e, exercício decorrido, cobrar-se-ão mais Cr\$ 3,50.

Associamos, assim, os nossos destinos outrora, mau grado vossos, indivisíveis; algum tempo paralelos, pelas inevitáveis contingências da evolução dos povos; mas, afinal, convergentes em melhor, iguais, como não podiam deixar de ser, porque oriundos da mesma fonte da latência eterna: iguais, como não deviam deixar de ser, pela posição que a natureza e os fatos históricos nos atribuíram, no espaço geográfico.

O merecimento da ação diplomática de Rio Branco, selando, com o tratado de outubro de 1900, a nossa união está singularmente, em haver transformado um desfecho natural, que a circunstância, cedo ou tarde, acabaria impondo, numa solução jurídica apoiada em insusceptíveis razões de equidade e na mais genuína prática de justiça internacional. Se o ato por isso, nos enobrece pela íntegra consonância às normas do nosso procedimento nas relações exteriores, certo é, também, que dele nos adveio a fortuna da vossa estima e confiança que sabemos verdadeiras, e umbramos em conservar, desafiando o tempo. (Palmas).

Nossa inalterável harmonia de bons vizinhos representa na realidade, um dos fundamentos para a paz do continente, nem mais, nem menos, do que Rio Branco pressentira e propugnava. Os avisos do vosso incomparável amigo só não foram completos, porque, acreditando ele na força dos compromissos lavrados, descreu, contudo do reconhecimento dos homens ou das nacionalidades.

Frutando que o Brasil desistira do domínio privativo na Lagoa Mirim e no rio Jaguarão, sem objeção a acordamentos do Uruguai, mas buscando extinguir uma exceção, — que a nossa época não comportava nem o nosso continente, — acentuava, com efeito que o "sentimento de gratidão" raros homens o possuem e mais raro ainda ou menos duradouro é ele

nas coletividades humanas que se chamam nações".

Estava, felizmente, ludido, como o demonstra o Uruguai, no curso de quarenta anos, ao termo dos quais esta visita, Sr. Presidente ainda primeiro suscita, em corações brasileiros e uruguaios, a lembrança do nosso amigo, jamais esquecido. (Aplausos).

Pertencéis, por sinal, a uma estirpe e sempre a uma política, em que são múltiplas as afirmações de compreensão e de os os propósitos de concordância, no plano internacional.

Um dos componentes dessa linguagem de altos relevos, é José Battle y Ordóñez, delegado-chefe do Uruguai na segunda conferência de Haia, entre uma e outra das duas primeiras presidências que exerceu a República, e que em Haia sustentou como Rui Barbosa, o princípio da igualdade dos Estados sozinhos, antecipando, outrossim, ideias triunfantes, agora entre os postulados essenciais da solidariedade americana. — (Muito bem).

Pelo seu verbo incisivo falava e bem verdade, um pequeno país. Mas era, de fato, impressionante a convicção com que esse pequeno e jovem país enumerava as velhas potências europeias, ali congregadas, os exemplos de mediação pacífica em uso na América Meridional, onde o método jurídico, para o acerto de divergências substituíra, normalmente os processos coercitivos, e onde por isso mesmo, os progressos do direito internacional eram reais, superando, ao seu ver, os assinalados no antigo continente.

Inteligência uruguia, que, por muitos títulos, encarnais, Sr. Presidente, com as atividades militantes na imprensa, no rádio, no parlamento e na tribuna popular, deve ser particularmente sensível, numa quadra de sensível, numa quadra de tamanhas preocupações de paz e tantos prenúncios de guerra, a evocação da since-

ra advertência de Battle y Ordóñez, de que já estávamos preparados, na América, para o remate susatório das nossas diferenças, e de que nem "o ódio entre as nações, nem ambições de conquista", teriam meios de impedir, nesta parte do mundo, a realização de tais desígnios.

Em momento de confraternização de dois povos defensores do primado da terra de direito na comunidade das nações, não seria lícito ocultar que nessa oportuna interferência do delegado uruguai no debate sobre a Corte de Justiça arbitral vinha, até, explicitamente, a ideia da guerra injusta, com o seu corolário da legítima ajuda ao agredido, noutros, hoje, capitais, na cooperação interamericana para a paz universal.

Não é do vosso feito vos, atirardes, na marcha da Humanidade. Quando as colônias espanholas combatiam, arduamente, pela sua indenização, e assentavam as bases autonômicas da futura organização política, nenhum dos bravos capitães levou tão longe, como o general Artigas, a consequência do rompimento com a metrópole, avançando, sem hesitação, para o regime republicano, exilado nas famosas instruções aos representantes da Banda Oriental na constituinte de Buenos Aires.

Nem temo em que Bolívar, evidentemente, vacilava, e quando, ao contrário, eram manifestas as preferências de San Martín pela monarquia, a decisão do vosso chefe e comandante, revestida de serena energia, que um dos vossos historiadores consideram, com razão, a altura de Washington e de Jefferson, define, admiravelmente, a vocação do Uruguai para a democracia, com a República. (Palmas).

E porque não seja de vosso temperamento esperar pela experiência de outras gentes, estais executando a mais corajosa forma de democracia do continente, imprimindo, com isso, um sentido na tentativa à democracia social e econômica, sugestiva fórmula, por aí tudo controversa, nos livros, e desvirtuada, na prática.

A Constituição que vos rege, pela simulação das garantias individuais e dos direitos e deveres do Estado em especial, serve, efetivamente, do magnífico atestado da iniciativa estatal, processada sem ofensa das liberdades substanciais que a uma democracia política cumpre resguardar, sob pena de já não ser democracia.

E' erível que determinadas condições, peculiares à vossa existência física, formação social, desenvolvimento econômico, tais a superfície diminuta, a densidade demográfica, a opulência da terra, a falta de propriedades territoriais efundeadas, tenham desembaraçado os aplaudidos rumos socialistas, por onde seguis. Já se disse, a esse respeito, que é simples repartir as riquezas, quando a terra as possui em abundância, ao passo que difícil é distribuí-las, quando escassas.

Nada disso subtrai à vossa experiência democrática um mínimo do valor que lhe é inerente, como criação do homem, desde que, sem o elemento humano, nenhum pormenor geográfico assumo qualquer importância, do ponto de vista político, ou, para utilizarmos expressões alheias, desde que a atividade estatal não depende jamais, por forma unilateral, de leis naturais estáticas da geografia. (Muito bem).

Os caminhos do vosso povo não foram curtos, nem tranquilos. Os tempos que a história denomina de tempos heróicos, foram, no vosso caso, realmente heróicos mesmo que a lira dos vossos poetas e a pena dos vossos escritores, — grandes escritores e poetas — não houveram registrado, para a imortalidade, os lances desse heroísmo.

A evolução das vossas instituições políticas não se fez sem sacrifícios, sem luta, sem sangue.

Nesse acidentado percurso divisamos uma legendaria fidelidade democrática. E' a lenda dos Battles, que ainda, nos nossos dias, Sr. Presidente,

Roberto Grossembacher
Rogério Vieira
Tavares d'Amaral
Tomás Fontes
Rio Grande do Sul
Antônio Leivas
Bayard Lima
Damago Rocha
Daniel Farscoy
Darcy Góes
Flora da Cunha
Fragas e Castro
Glicerio Alves
Horácio Amabile
Manuel Duarte
Mário Teixeira
Ovídio Tuma
Oswaldo Vargas
Pedro Vergara
Raul Pila
Sônia Costa

Agro:
Castelo Branco
Hugo Carneiro
Amazônia:
Cosme Nunes
Guaporé:
Aluisio Ferreira
Rio Branco:
Antonio Martins

Comparecem os Srs. Ministros.

Da Justiça e Negócios Interiores
Da Guerra
Do Exterior
Da Marinha
Da Agricultura

O Sr. Melo Viana Presidente toma assento à Mesa da presidência, tendo a direita Sr. Battle Berres, Presidente do Uruguai, indicado pelos Srs. Nereu Ramos Vice-Presidente da República; Cardinal Arcebispo do Rio de Janeiro; Samuel Duarte, Presidente da Câmara dos Deputados; Georgino Avelino, 1.º Secretário do Senado e João Villasboas, 2.º Secretário do Senado.

O SR. PRESIDENTE — Sr. Presidente Battle Berres; as palmas cardeais com que V. Ex.ª foi acolhido neste recinto que bem simboliza a Nação brasileira, através de seus representantes com assento no Parlamento Nacional, devem ter caído fundo no coração e no espírito de V. Ex.ª, porque traduzem a manifestação clara, sincera da amizade constante — que Deus há de permitir jamais empalideça um só momento — existente entre as duas grandes Nações, irmãs pelas mesmas ideias numa comunhão de sentimentos que as conduzir, em abraço fraterno à realização de seus altos destinos — (Muito bem. Aplausos).

V. Ex.ª é aqui recebido, não na qualidade de hóspede, mas de brasileiro ilustre, cercado da irrestrita consideração, da estima e do apreço da Nação Brasileira, pela nobre Patria que V. Ex.ª representa: o Uruguai. (Muito bem; muito bem. Palmas prolongadas).

Tem a palavra, para saudar o preclaro estadista, em nome do Senado Federal o Senhor Senador Aloisio de Carvalho.

O SR. ALOISIO DE CARVALHO — (Movimento geral de atenção. Palmas) — Exmo. Sr. Presidente Battle Berres:

Uma das grandes vozes da vossa pátria, em cujos peregrinos conceitos tantos estímulos para a vida encontrou a minha adolescência, e cuja altitude de pensamento as mais longínquas terras americanas desorientaram, — José Henrique Rodó — dizia que todo o bem que morre deixa sempre, em novas nubes, uma semente de renovação.

Para a amizade entre o Uruguai e o Brasil bastou colhermos, uma vez, essa semente graças do vosso Irão à prudência dos vossos estadistas e do nosso, sobretudo, ao certo político de um homem cujas ideias, na tarefa fructuosa do entendimento continental, passamos, desde então, a cultivar, firmemente, como patrimônio comum. (Muito bem).

confirmados, acrescentando-a de outros tantos vozes. (Aplausos).

Não podemos esquecer que no auge da crise recente da democracia, quando o fascismo se aproveitava da influência difusora do rádio, para as preleções de sua propaganda, passagens, Fátie Berres, das colunas da imprensa para os fios invisíveis, que pelo espaço transmitiam, a toda parte, a propaganda antitácita. Nos aplausos veementes pela igualdade democrática, pela justiça social, pela concordância entre os homens, supremos motivos inspiradores da vossa atividade de político e de governante.

E não poderíamos, ainda menos, esquecer que fostes buscar para símbolo da pregação democrática, — Ariel, Ariel que José Enrique Rodó definiu, estante, o "sublime instinto de perfeição, virtude pela qual se engrandece e se converte em centro das coisas a arte humana".

Sr. Presidente, Batlle Berres — Saudando-vos, em nome do Senado Brasileiro, saudamos, no Presidente do Uruguai, um dos responsáveis pelos nobres destinos da Democracia. (Muito bem; muito bem. Calorosa salva de palmas. O orador é vivamente cumprimentado).

Em nome da Câmara dos Srs. Deputados, falei o Sr. Deputado Cirilo Jório, a quem deu a palavra.

O SR. CIRILO JÓRIO (Movimento geral de atenção. Palmas). — Ilmo. Sr. Presidente da República Oriental do Uruguai. — Desde este momento, o da sua independência, a nova República Oriental do Uruguai não tem amigo mais dedicado, mais desinteressado, nem mais leal do que o Brasil. Assim foi na sua luta de 18 de novembro de 1917 e na sua luta de 1917, quando, glorioso batalhador da causa da América que foi sempre a causa da liberdade, da justiça e da paz. (Muito bem. Palmas).

Hoje, século já decorrido daquela magna história, podemos afirmar, como fides intérprete do sentimento nacional, que também o Brasil não teve amigo mais dedicado, mais desinteressado, nem mais leal que a República Oriental do Uruguai. (Palmas). As resoluções atitudes de apoio e segurança, que jamais faltaram à nossa pátria nos crises internacionais das derradeiras décadas, intervieram como símbolo augusto, nos momentos e na construção do novo brasileiro, o nome do nobre e bela nação uruguaia. (Aplausos).

Para solidariedade, nunca desmentida, refirmo-se, agora, pela convivência honra que nos concede com sua significativa visita, o primeiro momento daquela honrada nação, o embaixador Presidente Luis Batlle Berres, que, por seus serviços à causa nacional, continental e universal, por seus talentos e por seu cinema, eleva no conceito dos povos o nome imortale de um dos heróis da luta dos Batlle e Ordóñez, assegurando na marcha da gloriosa política das nações, dentro de alto e justo sentido, a atenção gloriosa do destino de sua terra e de sua gente. (Palmas).

Respeitosíssimo Senhor Presidente Batlle Berres.

O culto de afetuosa admiração que nutrimos aqui, no Brasil, pelo país que praticou e nutre suas instituições, entre os quais Vossa Excelência, que não o tem sabido distinguir, não é uma resultante apenas de puras inclinações sentimentais. Tem uma raiz mais funda e mais extensa, qual seja a que brota dessa única vocação que o há muito vem impulsionando fraternalmente os nossos dois povos na busca vida, tenaz e palpitante de um mesmo ideal de liberdade, de justiça e de solidariedade humana. (Palmas).

Temos, ainda, presente o que foi a longa e penosa luta do hemisfério ocidental e o papel que nela representaram os estadistas de nossas duas pátrias para a fixação do exato sentido da política latino-americana dos Estados Unidos da América, nas exortações e na prática da Resolução da

Non-Transferência, da Doutrina de Monroe, do Destino Manifesto, do Corolário Roosevelt, do Pan-americanismo, da Doutrina de Não Intervenção e, finalmente, da Política de Boa Vizinhança, termo último que, confiantes em Deus, esperamos ser o pálo protetor, desdobrado sobre todos os povos da terra.

Em tôdas essas conjunturas, os estadistas uruguaios e brasileiros encontraram um denominador comum que era a defesa dos princípios fundamentais em que se assentou a independência dos povos do Mundo Novo, de mistérios e sem alardes, serenos e seguros nas suas iluminadas previsões.

Somente cento e vinte e um anos depois do compromisso da defesa conjunta, assinado sob inspiração de Simão Bolívar, o Uruguai e o Brasil alcançaram o prêmio de seu esforço secular em prol da manutenção da paz e da segurança do Continente. (Aplausos). Foi quando, em 1947, com solidariedade integral, a comunidade regional americana acolheu, como verdade manifeste, que a organização jurídica é uma condição necessária para a segurança e a paz, e que a paz se funda na justiça e na ordem moral e, portanto, no reconhecimento e na proteção internacionais dos direitos e liberdades da pessoa humana, no bem estar indispensável dos povos e na efetividade da democracia, para a realização internacional da justiça e da segurança.

A nos a arrancada inicial conjunta para essa grande conquista, exemplo do nosso Continente, serviu de inspiração às empenhadas perspectivas que se abrem com o Ato de Chapultepec e com a Carta das Nações Unidas.

Assim dava tir acontecido, porque, em 1917, na Itália, que sediou a Segunda Conferência da Paz, Rui Barbosa, que farol que, depois de haver o feito em vida durante meio século, ainda hoje, depois de morto, ilumina os rotários de nossa nacionalidade, (palmas) ao defender a igualdade jurídica das nações, pequenas ou grandes, viu-se na pugna por esse credo que devia engrandecer os horizontes do mundo, imitando a José Batlle e Ordóñez, este outro colosso que, fundando em Montevideo uma democracia, estruturou uma nacionalidade sobre os postulados da justiça. (Palmas).

Excelentíssimo Senhor Presidente do Uruguai.

Outros mais são os fortes vínculos de afinidade, que explicam a duradoura e fraternal aproximação dos nossos queridos países. Embora nascidos de berços diversos, não falando um só idioma e sem as mesmas tradições, os filhos da vossa e da nossa pátria têm a união essa força irresistível, superior a todas as mais e que é eterna, essa *vis atrahit*, gerada pela comunhão das idéias e dos princípios.

E' belo proclamá-lo nesta Casa, que se entalana toda para festejar o democrata sincero e o lidador intencional ao serviço da própria pátria, que é Vossa Excelência, (palmas) nesta Casa do Parlamento brasileiro, que é um castelo roqueiro ao serviço da administração, das liberdades e da justiça. (Muito bem).

Na pátria de Vossa Excelência, como no Brasil, as leis fundamentais se adaptam às aspirações de ambos os povos por um regime de justiça social, construído dentro de um arcabouço institucional, caracterizado pelo culto à liberdade e aos atributos da personalidade humana, que são a resultante natural e imutável do ser racional, do homem.

Compreendestes, como nós, que construir uma sociedade, dentro de concepções artificiais que violentem no homem a liberdade, que lhe é instinto, seria criar no terreno da política e da sociologia, obra insegura, destinada a ruir ao embate das forças naturais, que podem ser, e são, colaboradoras do enrenho humano, nunca, porém, elementos que o espiri-

to artificialmente mauje e violento, ao sabor de seu arbitrio e de suas tendências, para a utopia. Temos ambos uma sólida construção democrática, argamassada com aqueles mais puros sentimentos de liberdade e de justiça. Dentro dela está todo o fermento de uma equilibrada evolução no sentido do reajustamento social, (palmas) que nenhum epistilo humano, livre de obsessões, pode, hoje, contestar. Repetimos, com uma consciência livre, definida e justa, as tendências para o totalitarismo de todos os extremos, fugindo a idéias, fruto de uma notória moléstia do pensamento político, de submissão do indivíduo ao Estado. (Muito bem. Palmas).

Este deve ser, e é, a síntese das vontades individuais e o meio de lhes assegurar a soberania. Fielis à nossa formação, nunca vimos esmorecido o culto de nossa fé, certos de ser curáveis a moléstia que afetou o sistema democrático. A Coença fôra, apenas, uma consequência da indefinição exata da autoridade concedida ao governo pelo indivíduo na busca do meio de conciliar as liberdades de cada um, dentro da concepção estatal. Tradição e evolução colidiram por vezes, porque deixaram de ser, como precisam ser, forças de colaboração construtiva, realizando a marcha para a frente, sob os freios da experiência e da observação.

O problema se situou, pois, na disciplina do regime, com a equânime e imprescindível conciliação dos interesses individuais e coletivos. Nem a religião ega do homem, nem o fetichismo do Estado, mas homem e Estado, sociedade e indivíduo, harmonizados para o ajustamento e coordenação da vida coletiva.

Este é, Senhor Presidente Batlle Berres, o imperativo moral e político que rege a vida dos dois povos — o uruguai e o brasileiro, igualmente conduzidos, com patriótica e digna elevação, por Vossa Excelência e pelo honrado Presidente Eulício Caspar Dutra. (Palmas). E, se entre os dois povos, existe essa comunhão que os fatos tornam imortal, seja-me permitido chamá-los povos irmãos, unidos pelos mesmos ideais de beleza suprema. (Palmas).

Com o entusiasmo e o afeto, que o destino comum explicam, a Câmara dos Deputados apresenta a Vossa Excelência, Senhor Presidente, as suas melhores e mais altas saudações, sentindo-se desvanecida pela oportunidade de, nesta sessão solene, poder exprimir o testemunho de seu respeito ao supremo magistrado do Uruguai amigo, no político eminente, ao parlamentar ilustre e ao jornalista emérito, que a honrou com sua presença.

Saudando, em sessão especial, Sua Excelência o Presidente Luis Batlle Berres, uma das figuras mais representativas do cenário político da América, a Câmara dos Deputados brasileiros pede à Sua Excelência seja o intérprete dos sentimentos de solidariedade e confiança que ora reafirma à nobre República Oriental do Uruguai e a seu generoso povo, irmão na estreita afinidade dos seus ideais, ideais que não morrem porque são os de justiça social, de liberdade jurídica e de paz universal. (Muito bem; muito bem. Calorosa aplausos. O orador é vivamente cumprimentado).

O SR. PRESIDENTE — Senhores Representantes, S. Ex.ª o Sr. Presidente Batlle Berres, saudando do seu passado destemorado de democrata, jornalista e orador, deseja falar ao Congresso Nacional e ao povo brasileiro através da tribuna em que os Srs. Deputados discutem as palpitantes questões nacionais.

Tem a palavra o Exmo. Sr. Presidente da República Oriental do Uruguai. (Prolongada salva de palmas).

O SR. BATLLE BERRES (Presidente da República Oriental do Uruguai — Movimento geral de atenção — Aplausos demorados). — Senhor Presidente do Congresso, Senhores Legisladores. En primer término, deseo agradecer el honor de haber sido invitado a esta Casa. Después, deseo agradecer

las palabras del Señor Presidente que, al entrar aquí, me dijo que me tomaba como un hermano. Declaro que nunca pudo haber algo que me provocara mayor emoción que decirme que soy hermano de los brasileños. De mi parte, debo también añadir que en mi país vosotros sois hermanos. (Palmas).

Además, debo agradecer a los Señores Legisladores que hablaban sus atenciones personales, sus referencias para con mi país y por último pedi autorización al Señor Presidente del Congreso, para que me dejase llegar hasta esta tribuna porque deseo hablar, yo que tengo el honor de ser Presidente de la República de mi país, deseo hablar como legislador, porque tengo sido siempre legislador, y como Presidente de la República quiero pensar, sentir y actuar como legislador. (Palmas). Y si lo hago, creo que voy a ser feliz en mi gobierno.

Y ahora con el permiso del Señor Presidente, voy a leer lo que quisiera decir a los Señores Legisladores del Brasil.

Levanto mi voz en este Parlamento con gran emoción, conmovido por la responsabilidad de hablar en nombre de mi país; por la responsabilidad de hablar en donde lo han hecho y hacen maestros del pensamiento y de las formas y porque tengo la seguridad de que todos los pueblos de América nos escuchan con atención, esperando descubrir en nuestras palabras la voz amiga que hable de concordia de pueblos, de unidad de Gobiernos, de acercamiento de Parlamentos libres que representen fiel y justamente la voluntad popular, en la esperanza de vernos trabajar por la paz, por la conquista de reales y eficaces derechos que den a los pueblos un régimen de vida social que les permita alcanzar la felicidad y afirmar en el espíritu de ellos el deseo y ánimo de luchar por la democracia.

El tema obligado para discutir en este Parlamento libre y entre hombres que tienen fe en la democracia es el de las formas de actuar y de las caminos a seguir para fortalecer este régimen político institucional en la paz y en la de los ciudadanos, porque son muchas y muy poderosas las fuerzas que se levantan contra nuestras instituciones y necesario es repetir que el hombre solo podrá encontrar su felicidad bajo el imperio de la libertad y que ningún régimen busca destruir en él todos sus energías morales como el que nosotros vivimos, pues la democracia es, por encima de todas las cosas, una forma de vivir que está asociada a la fuerza moral del individuo. (Palmas).

No podemos negar el hecho cierto de la profunda crisis que vive el mundo y esta última espantosa guerra. — en la que también intervino como avanzada de América del Sur el ciudadano brasileiro convertido en soldado valeroso. — No nos ha puesto en el camino de la paz, ni de la tranquilidad social y la lucha sigue siendo dura y la incertidumbre del mañana nos sobrecoge a todos y esto reclama a los democratas que nos unamos, porque unidos hemos de conseguir que América se transforme en el reduto de la victoria devolviéndole a los hombres la tranquilidad y paz anheladas.

Hasta ahora estábamos acostumbrados a que Europa fuera el Continente rector del mundo y de allí venía el pensamiento que guiaba nuestros pasos y allí se jugaban las batallas decisivas que iban a trazar normas políticas al resto de las sociedades. — Estábamos acostumbrados a que el viejo Continente sufriera todos los sacrificios y fuera nuestra barrera de seguridad, pero esto ya forma parte de la historia y él ni absorbe los golpes, ni se presenta como ejemplo a seguir por esta joven América que de pronto se ve en la obligación de encarar grandes responsabilidades y con la función principal de resolver exitosamente la salvación de la Humanidad. — Para llenar nuestro cometido y salvar y prestigiar la forma de nuestro sistema

político democrático, temos que preocuparnos, en primer término, de asegurar la libertad de los ciudadanos y conquistar un régimen social que les permita vivir con dignidad y sentir el goce, la satisfacción y la necesidad de defender el régimen político en que actúan. — Necesario es también asegurar la paz, para que se pueda vivir sin recelos y hacer confianza en la lealtad de los Gobiernos que son los instrumentos de acercamiento de los pueblos, acercamiento que es reclamado unánime de toda América que no comprende que se pueda levantar resentimientos en ella, pues no hay violentos y opuestos intereses económicos, ni nadie puede tener ambiciones de conquista por encima de sus territorios, pensando desbordarse más allá de sus fronteras, porque cada uno de nosotros, chicos o grandes, mucho tenemos que hacer en favor de nuestros respectivos países para alcanzar el desarrollo de nuestras economías en forma que podamos dar a nuestros hombres la cultura, el alimento, techo y abrigo que todos tienen derecho a exigir. (Palmas.)

En la discusión de nuestro problema político social podemos admitir que existe una unidad perfecta entre producción de riqueza, conquista de justicia en las leyes sociales y éxito en la batalla por el imperio de la democracia. — La producción de riqueza nos va a permitir desarrollar con amplitud todo el capítulo de las justas y necesarias reivindicaciones sociales. — Es claro que tenemos que aceptar la premisa de que la riqueza producida no es ya propiedad exclusiva de un sector mínimo de la sociedad sino que se hace imperioso repartirla con criterio justo y amplio para que los ciudadanos puedan disfrutar del beneficio de su trabajo. (Palmas.) El acierto de esta política económica y la justicia de estas leyes es lo que va a darle o restarle solidez al régimen político imperante y si los demócratas deseamos vivamente triunfar en esta recia lucha tenemos que apresurarnos a ser justos. — Nadie puede dudar que vivimos una violenta revolución social y la prudente no es desconocerla, ni apedrearla sino que por el contrario todo aconseja entrar en este inmenso movimiento que tiene como límites los pueblos de todo el mundo para intentar controlarlo, dirigirlo, orientándolo e impedir de esta manera que esas fuerzas de desorden en el caos social y político que todo lo arrasan. — (Palmas.) Si la Democracia no sabe ni puede darle solución a esta exigencia de los pueblos en marcha entonces tenemos que prepararnos para ver como triunfa cualquiera de los sistemas en pugna, por más contrario que sea a la justicia y a la libertad y sin duda esto no lo podemos tolerar y tenemos además en nuestras manos el medio para que tal cosa no suceda y es haciendo justicia, dictando amplias leyes que provoquen en el hombre el goce de vivir el régimen político por el cual estamos luchando. — (Aplausos.)

Yo me permitiría decir que una característica principal de este estado revolucionario o inquietud de los pueblos, inquietud que también vive la actual generación, puede estar en el hecho de que la palabra libertad ha perdido esa fuerza de atracción con que dominó a hombres y masas, individual o colectivamente, para ser reemplazada como exigencia tranquilizadora por el concepto de seguridad económica. — Nosotros mismos, los demócratas, ya hablamos de democracia integral, con lo que queremos decir libertad superior económica. — La lucha está entonces en defender a las masas y en defender a la juventud del hecho grave de que desatiendan la importancia extraordinaria de la libertad, ya que la seguridad sin libertad es opresión en lo social y dictadura en lo político, pero los pueblos no siempre reparan en esta grave verdad como si estuviera trágicamente desilusionados de la libertad. — Esto puede dar explicación, en parte, a la existencia de los 6 millones

de comunistas en Italia, de 4 millones de comunistas en Francia y de los demás hombres que en el mundo libre levantan su voz en el mismo tono y el camino para recuperar el apoyo de la fuerza indiscutida de las masas populares en favor de nuestra democracia esta en demostrar que ella otorga, con la libertad, la seguridad económica, seguridad económica que es la preocupación, inquietud y desvelo de los pueblos que con clara y justa razón reclaman ser atendidos en sus necesidades primordiales para tener el goce de vivir y poder prestigiar con su esfuerzo el régimen en que actúan. — Nosotros en América somos una sociedad joven y poseemos un Continente inmensamente rico y estamos por tanto en condiciones óptimas para afirmar la libertad alcanzando esa seguridad económica reclamada, con lo que le daríamos a la Democracia nueva y poderosa vitalidad. Por este camino vamos a defender a los hombres de la infiltración filosófica y política que nos viene de la Vieja Europa, que vive una revolución trágica y violenta y podemos esperar que la joven y fuerte América se transforme en el sostén y respaldo del sentimiento de la libertad.

En América podemos hablar con tranquilidad y con orgullo del sentimiento de unidad que viven los pueblos del Continente. — Esto fue cierto en la lucha por nuestra libertad e independencia y son muchos los países que tienen héroes comunes y todo el movimiento de un extremo a otro del Continente, sin excepción, se hizo con la bandera de respetar la libertad de todos los pueblos y aquellos hombres hablaron en forma tan prestigiosa que sus palabras podrían indicar hoy caminos seguros en los Parlamentos más severos. — Nosotros ahora, en esta lucha en que está empeñado el Continente y en la esperanza de ser una fuerza que colabore positivamente para salvar la Humanidad tenemos que buscar aquella acción conjunta de los pueblos que fue salvadora, y si no lo hacemos para asegurar nuestra independencia, la necesitamos para asegurar la paz en el deseo muy vivo de darle solidez a la democracia, presentar batalla donde quiera en favor de la libertad de los ciudadanos que, cuando se desconoce, puede ser peligroso para la tranquilidad general. — Los Gobiernos, clases dirigentes y desde luego los parlamentarios son los que están en la obligación de poner en marcha los mecanismos que hagan pasar de la palabra al hecho cierto este reclamo de unidad americana. — Es necesario actuar de manera que esta aspiración deje de ser un sueño, idealidad abstracta para transformarse en poderosa verdad, porque ello será seguridad de paz, será energía en la economía y será esperanza justa para esta humanidad que vive tanta barbarie y está sacudida por tantos odios. — Es cierto que el concepto unidad lo expresamos con agrado y es palabra que facilita declaraciones grandilocuentes y bellas pero también es verdad que nos movemos con timidez en la búsqueda de los medios que nos permitan llevar a la práctica este reclamo popular de América, que alcanzado fortalecería la acción en favor de la Democracia. — El que no se haya plasmado en fuerte realidad todavía esta acción conjunta de los pueblos americanos que luchan por la democracia, golpea la imaginación de las masas como una expresión de debilidad de nuestro régimen y esto que no es prestigioso puede ser inclusive peligroso. — En un instante de violenta crisis en que existen fuerzas que buscan perturbaciones profundas no vamos a conculcar la opinión de los hombres con vacilaciones ni vamos a despertar en ellos de esta manera emoción y ánimo de lucha. — Se hace de necesidad provocar fervor en la opinión; dar esperanza de que nuestra bandera asegure el orden, la paz y el bienestar social y que cada

de lo que está en la discusión pública abre los horizontes tan ampliamente como lo deseamos nosotros.

Sobre la base de la verdad del sentimiento americanista de los pueblos de este Continente tenemos que buscar la unidad de los Parlamentos; la unidad de los partidos democráticos para realizar todos una acción conjunta. — Esto es factible y es conveniente. — Los partidos que quieren destruir el imperio de la democracia ellos si ya han hecho esa unidad que yo reclamo, y unas veces han triunfado y siempre nos ponen en constante peligro. — Todos los regímenes totalitarios han pasado por encima de sus fronteras buscando ser una fuerza internacional y yo me pregunto ¿por qué no hemos de tener unidad en América para luchar por la Democracia, por la paz, por la libertad, superando siempre al ciudadano? (Palmas.) No tengamos ni temor ni vacilaciones y demos los pasos necesarios en este sentido. Solo así seremos una fuerza real, presentando un frente tan unido como amplio. — Los pueblos lo reclaman, porque los pueblos quieren vivir la paz y a los pueblos hay que darles la clara sensación de la firmeza en la lucha y en la seguridad del triunfo y con ambas ideas puede formarse poderosa y prestigiosa mística. —

La iniciativa de unión de Parlamentos ya se llevó a cabo en Europa y no tuvo éxito ni fue eficaz para los fines de la paz, por ello se debió a la culpabilidad de los problemas que vivía ese viejo Continente.

Entre nosotros en el año 1944 y con motivo de un aniversario del Día de América, los parlamentarios de Chile invitaron a todos los legisladores americanos para reunirse en Santiago con la finalidad de poner en acción el mecanismo de unión de Parlamentos, pero se dió el primer paso y por desgracia ellos no se han repetido. — (Palmas.) Los demócratas, en la paz somos lentos, vacilantes, parecería que nos desinteresaríamos de todas estas cosas y esto es grave, porque ello sin duda es debilidad en la acción, es imprecisión en el camino. — Sería muy conveniente volver a insistir en los trabajos iniciados en Santiago y el Parlamento del Brasil podría brindar un escenario prestigioso a todos los hombres libres de América para que aunar sus esfuerzos en la tarea de hacer efectiva la paz y el imperio de la

libertad y de la democracia en este Continente. — (Palmas.) Los legisladores están siempre en contacto más directo con los Partidos Políticos, tienen conexiones más fuertes con el mismo pueblo, están frente a ellos abiertos todos los caminos y tienen un vasto campo donde actuar y luchar y la hora indica la necesidad de ponerse mañana mismo en acción. — Nosotros en el Uruguay tuvimos en la figura de Baltasar Brum un líder prestigioso en favor del acercamiento de las naciones americanas. — Antes de llegar a la Presidencia de la República ya levantó su voz en este sentido y recorrió todos los países del Continente haciendo una encendida proclama en este sentido y su verbo hecho raíces profundas en nuestro pueblo que es lealmente americanista porque no siente oposiciones frente a los demás países del Continente y está seguro de que la unidad es el triunfo de nuestras ideas republicanas. —

Nuestros ideales son los más puros; buscamos el progreso superando al hombre; queremos el éxito de nuestro régimen político en el imperio de la libertad; moralmente somos la energía más poderosa y la única esperanza y solo falta que nos unamos para luchar sin vacilaciones y sin temor con lo que alcanzaremos el triunfo que ha de ser salvador para la Humanidad. — (Muito bem; muito bem. Aplausos prolongados no recinto, nas tribunas e nas galerias.)

O SR. PRESIDENTE — Senhores Representantes! Agradecendo a prestigiosa presença de S. Ex.ª o Sr. Vice-Presidente da República; de S. Ex.ª o venerando Sr. Cardeal Dom Jaime Câmara; de S. Ex.ª o Sr. Presidente da Câmara dos Deputados; dos Srs. Ministros de Estado; de altas autoridades do Corpo Diplomático acreditado junto ao governo brasileiro e o honroso e fidalgo compadre do Senhores uruguaios que também visitaram o Parlamento (palmas) e das distintas damas que as acompanharam, tenho a viva satisfação de, num gesto de grande alegria, levantar, sob palmas, a sessão, com os mais sinceros votos pela crescente glória da grande Nação irmã — o Uruguai. (Palmas prolongadas.)

Está encerrada a sessão.
Levanta-se a sessão às 17 horas e 20 minutos.

CÂMARA DOS DEPUTADOS

Mesa

Samuel Duarte — Presidente.
José Augusto — 1.º Vice-Presidente.
Graccho Cardoso — 2.º Vice-Presidente.
Munhoz da Rocha — 1.º Secretário.
Getúlio Moura — 2.º Secretário.
Jonas Correia — 3.º Secretário.
Área Leão — 4.º Secretário.
Suplentes: Caiado de Godói, Pereira da Silva, Rocha Ribas e Vasconcelos Costa.

Reuniões às quartas-feiras às 9.30 horas.

Secretário — Nestor Massena.
Secretário Geral de Presidência.

Comissões Permanentes

Agricultura

1 — José Joffily — Presidente.
2 — Galeno Paranhos — Vice-Presidente.
3 — Carlos Pinto.
4 — Cordeiro de Miranda.
5 — Dolor de Andrade.
6 — Duque de Mesquita.
7 — Mário Gomes.
8 — Martins Junior.
(Pessoa Guerra — 1.º adjuto).
9 — Melo Braga.

10 — Mercio Teixeira.
11 — Mourão Vieira.
12 — Paulo Fernandes.
13 — Pereira Mendes.
14 — Regis Pacheco.
15 — Rui Palmeira.
16 — Sampaio Vidal.
(Celso Machado — 2.º adjuto).
17 — Vieira de Rezende.
Reuniões às quartas e sextas-feiras, às 15.30, no Salão Nobre.
Secretário — Adroaldo Lopes da Fonseca.
Auxiliar — Maria Josefa Lessa.

Constituição e Justiça

1 — Azamemnon Magalhães — Presidente.
2 — Gustavo Capanema — Vice-Presidente.
3 — Afonso Arinos.
4 — Almirante Requejo.
5 — Antônio Feliciano.
6 — Aristides Largaia.
7 — Ataliba Nogueira.
(Plínio Cavalcanti — 25 junho 1948).
8 — Benedito Valadarez.
9 — Carlos Waldemar.
10 — Costa Neto.
(Honório Monteiro, em 24 agosto de 1948).
11 — Edgard Arruda.